

Racismo no futebol e ativismo de hashtag: o caso Vini Jr.

Racism in football and hashtag activism: the Vini Jr. case

Thalita Neves

Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Democracia Digital, Salvador/BA, Brasil
Doutorado em Comunicação, UERJ
thalitanevesufop@gmail.com

RESUMO: O futebol evidencia práticas racistas há quase um século, a exemplo da não-aceitação de jogadores negros nos clubes brasileiros nos primórdios desse esporte; da “condenação” de atletas negros enquanto responsáveis por derrotas históricas; do negro em função logística nos estádios e não como consumidor do espetáculo; e sobretudo das diversas manifestações racistas vindas das arquibancadas, a exemplo do jogador brasileiro Vinícius Júnior, alvo de ataques na Espanha. Esse caso é retroalimentado nas redes por hashtags como #ForçaViniJr, #LaLigaRacista e #BailaViniJr. A partir de metodologia que combina revisão bibliográfica e análise de discurso, este estudo debate as relações entre racismo no futebol e ativismo de hashtag, ponderando sobre a efetividade da hashtag enquanto ferramenta discursiva de prevenção e combate ao racismo.

PALAVRAS-CHAVE: Racismo; Vini Jr.; Hashtag.

ABSTRACT: Football has been showing racist practices for almost a century, such as the non-acceptance of black players in Brazilian clubs in the early days of the sport; the “condemnation” of black athletes as those responsible for historic defeats; blacks in logistical roles in stadiums rather than as consumers of the spectacle; and, above all, the various racist demonstrations coming from the stands, as in the case of Brazilian player Vinícius Júnior, who is frequently the target of racist attacks in Spain. The “Vini Jr. case” continues to be shared on social media by hashtags such as #ForçaViniJr, #LaLigaRacista and #BailaViniJr. Using a methodology that combines bibliographic review and discourse analysis, this study discusses the relations between racism in football and hashtag activism, considering the effectiveness of hashtags as discursive tools for preventing and combating racism.

KEYWORDS: Racism; Vini Jr.; Hashtag.

INTRODUÇÃO

Eu tive dois choques, já bem maduro, que me abalaram. Eu fui fazer a final da Libertadores da América – Fluminense e LDU – no Maracanã. A torcida do Fluminense deu um show naquela noite. [...] Começa o jogo e eu começo a prestar atenção: não tinha um negro. Do meu campo de visão, da tribuna de imprensa, da cabine da rádio... não tinha um negro! E anos depois eu fui fazer um jogo da Copa das Confederações em Salvador, a cidade proporcionalmente mais negra do Brasil, e de negros só tinham o jardineiro cuidando da grama e alguns funcionários do bar. Na torcida, na Fonte Nova, era um jogo de uma seleção europeia contra uma seleção africana, e não tinha um negro. Em Salvador!¹

Esse depoimento do sociólogo e jornalista Juca Kfouri me foi concedido em entrevista durante o percurso metodológico da minha tese de doutorado desenvolvida sob a temática do jornalismo esportivo e da sociologia do esporte. Nossa conversa se deu pessoalmente em São Paulo, no dia 8 de setembro de 2022, pós-declarções polêmicas do então presidente da República Jair Bolsonaro no Bicentenário da Independência em Brasília. Falávamos sobre as relações entre política e futebol, o que inevitavelmente traria o racismo à pauta – prática que até 1989 era enquadrada como contravenção penal na legislação brasileira. Tipificado como crime desde então, o racismo segue operando em nossa sociedade de forma explícita ou velada, neste caso, como uma espécie de acordo tácito consolidado pela estrutura social, política e econômica do Brasil, conforme descrito pelo professor e ex-ministro dos Direitos Humanos e da Cidadania, Silvio Almeida, na obra *Racismo estrutural*.²

O futebol, fenômeno da cultura de massa, evidencia há quase um século a prática do racismo em suas mais variadas formas, a exemplo da não-aceitação de jogadores negros nos clubes brasileiros nas primeiras décadas do século XX;³ da “condenação” de atletas negros enquanto responsáveis por derrotas históricas, como na culpabilização do goleiro Barbosa pelo Maracanazzo de 1950;⁴ ou ainda na perspectiva ilustrada por Kfouri, da ausência de pessoas negras enquanto consumidoras do espetáculo nos estádios de futebol. As manifestações racistas vindas das arquibancadas no Brasil e mundo afora, por sua vez, continuam sendo as formas mais evidentes do racismo no universo esportivo, como no caso do jogador brasileiro

¹ KFOURI. Entrevista concedida à autora, 2022, s/p.

² ALMEIDA. *Racismo estrutural*.

³ ABRAHÃO. O ‘preconceito de marca’ e a ambiguidade do ‘racismo à brasileira’ no futebol.

⁴ ABRAHÃO; SOARES. O que o brasileiro não esquece nem a tiro é o chamado frango de Barbosa: questões sobre o racismo no futebol brasileiro.

Vinícius Júnior que, entre 2020 e 2024, foi alvo de 21 episódios de racismo na Espanha contabilizados pela LaLiga, instituição que organiza o campeonato espanhol.⁵

A repercussão midiática do “caso Vini Jr.”, como chamarei esses episódios, segue retroalimentada nas redes sociais por hashtags como #ForçaViniJr, #LaLigaRacista e #BailaViniJr. Esta última chegou inclusive a ocupar o trending topics do X (ex-Twitter) em setembro de 2022, gerando mais de quatro milhões de interações, somando-se as plataformas Twitter, Facebook e Instagram. Isso ocorreu quando, no programa esportivo de maior audiência da Espanha, um agente de jogadores chamado Pedro Bravo utilizou um termo racista – “macaquice” – para se referir às danças que Vini Jr. costuma fazer em campo ao marcar gols.⁶ A partir desse contexto, este estudo debate as correlações entre racismo no futebol e ativismo de hashtag,⁷ fazendo refletir sobre as potencialidades do recurso hashtag enquanto ferramenta discursiva e “arma de combate”.⁸

Para tanto, parte-se de metodologia que combina revisão bibliográfica e análise discursiva⁹ na intenção de identificar possíveis formações de sentido existentes por trás das hashtags #BailaViniJr e #SomosTodosMacacos, esta última referente ao “caso Daniel Alves”, repercutido na imprensa em 2014 após o jogador descascar e comer em campo uma banana que lhe foi atirada das arquibancadas. Mesmo que de forma incipiente, pretende-se com este trabalho também ponderar sobre o impacto do recurso hashtag no agendamento midiático de prevenção e combate ao racismo – ainda que, vale lembrar, o âmbito combativo dialoga muito mais com a esfera jurídica do que com a esfera midiática em si, sobre a qual acredito não caber o viés punitivo, mas sim a função de ampliar e dimensionar o debate, estimulando o pensamento crítico e reforçando bases contra o preconceito e a desinformação.

Para fins didáticos, este artigo está dividido da seguinte maneira: o primeiro tópico aborda a temática do racismo no futebol a partir de casos que ganharam repercussão midiática, tendo ou não seus protagonistas se posicionado sobre o assunto; o segundo tópico descreve o conceito de ativismo de hashtag em suas relações com a discursividade da linguagem; e o terceiro tópico evidencia as

⁵ GLOBO ESPORTE. LaLiga atualiza situação de 21 casos de racismo contra Vini Jr..

⁶ LANCE! Hashtag em apoio a Vinícius Júnior atinge marca impressionante na web.

⁷ GOSWAMI. *Social media and hashtag activism: Liberty, dignity and change in journalism*.

⁸ MORAES. *A pauta é uma arma de combate: subjetividade, prática reflexiva e posicionamento para superar um jornalismo que desumaniza*.

⁹ ORLANDI. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*.

formações discursivas derivadas dessas relações, fazendo refletir em que medida(s) o recurso hashtag – sobretudo quando utilizado em um contexto massivo como o futebol – contribui para trazer à esfera pública o debate em torno do racismo.

RACISMO NO FUTEBOL E POSICIONAMENTO POLÍTICO DE JOGADORES

Certa tarde, na arquibancada da praça-de-esportes, subitamente Bituca ficou sério, olhou para baixo, sem mais nem menos. Naquele momento estávamos sós, apenas eu e ele.

— No Réveillon passado não me deixaram entrar no clube.

Adivinhei:

— Porque você é negro...

— Fiquei tocando meu acordeão do lado de fora, sentado no meio-fio. Eu me condoí até as lágrimas.

— Pois então vamos lá quebrar tudo.

Saímos foi para um bar. No tal clube nunca pisei.¹⁰

O trecho acima ilustra uma das manifestações típicas do “racismo à brasileira”¹¹ articulado nas sutilezas do cotidiano, geralmente por quem tem poderes decisórios. O trecho, narrado por Márcio Borges na obra biográfica “Os sonhos não envelhecem: histórias do clube da esquina”, rememora os primórdios da carreira daquele que viria a ser um dos maiores expoentes da MPB no Brasil e no mundo: Milton Nascimento, o Bituca, em cena que se contextualiza na efervescência político-cultural de uma Belo Horizonte de meados dos anos sessenta. Nessa mesma época, o futebol já havia se popularizado o suficiente para que, sob o véu do profissionalismo, passasse a incluir negros em seus escretes da mais alta classe, protagonizados, por exemplo, por Leônidas da Silva (1934/1938), Didi (1954/1958/1962), Djalma Santos (1954/1958/1962/1966), Pelé (1958/1962/1970) e Jairzinho (1966/1970/1974).

A despeito do protagonismo desses jogadores, cabe ponderar que, quando o Brasil perde a Copa de 1950 para o Uruguai, no episódio que ficou conhecido como *Maracanazzo* – em alusão ao estádio recém-construído para sediar aquela Copa – tanto a mídia esportiva quanto o senso-comum culpabilizaram os jogadores negros Barbosa, Bigode e Juvenal pela derrota histórica. Essa derrota contrariou todo o clima de favoritismo da seleção brasileira em meio ao contexto nacionalista de um Brasil também pulsante. Fez-se necessário, portanto, apontar culpados. É nesse sentido que, no artigo intitulado “O que o brasileiro não esquece nem a tiro é o chamado

¹⁰ BORGES. *Os sonhos não envelhecem: Histórias do Clube da Esquina*, p. 89.

¹¹ ABRAHÃO. *O ‘preconceito de marca’ e a ambiguidade do ‘racismo à brasileira’ no futebol*.

frango de Barbosa”, Abrahão e Soares debatem de que forma o futebol dramatiza a ambiguidade e a complexidade do sistema racial brasileiro, descrevendo como os negros daquele escrete, sobretudo o goleiro Brabosa, metonimizaram o *Maracanazzo*. Conforme Abrahão e Soares, no plano simbólico, o negro Barbosa tornou-se um emblema representativo das narrativas sobre a especificidade do racismo no Brasil, fazendo refletir sobre os “meios informais” e “maneiras sutis” como o racismo à brasileira se constitui.¹² Para ilustrar esse raciocínio, os autores recorrem à historiadora e antropóloga Lilia Schwarcz:

Parece que nos encontramos na encruzilhada deixada por duas interpretações. Entre Gilberto Freyre, que construiu o mito da democracia racial, e Florestan Fernandes, que o desconstruiu, oscilamos bem no meio das duas interpretações, igualmente verdadeiras. No Brasil convivem *sim* duas realidades diversas: de um lado, a descoberta de um país profundamente mesclado em suas crenças e costumes; de outro, o local de um racismo invisível e de uma hierarquia arraigada na intimidade [...]. O fato é que, no Brasil, “raça” é conjuntamente um problema e uma projeção. E ainda é preciso repensar os impasses dessa construção contínua de identidades nacionais que, se não se resumem à fácil equação da democracia racial, também não podem ser jogadas na vala comum das uniformidades.¹³

Dando um salto temporal para o ano de 2023, convém destacar um estudo do Observatório da Discriminação Racial no Futebol realizado com 508 atletas negros em atuação nos principais clubes brasileiros da atualidade, o qual apontou que 41% deles já sofreram racismo no meio esportivo, enquanto 97% dos atletas praticantes de religião de matriz africana dizem não ser respeitados em suas crenças no universo do futebol. Ainda segundo esse estudo, entre os ambientes mais nocivos aos jogadores negros estão os estádios – que somam 53,9% dos casos de racismo evidenciados pela pesquisa – e as redes sociais, que totalizam 31,4% desses casos.¹⁴

Contudo, antes que o preconceito racial e o discurso de ódio encontrassem terreno fértil nas redes sociais – a exemplo das ondas de ataques virtuais ao jogador Vini Jr. – casos de racismo contra jogadores de futebol já vinham sendo repercutidos na imprensa brasileira desde as primeiras décadas do que se convencionou chamar

¹² ABRAHÃO; SOARES. *O que o brasileiro não esquece [...]*, p. 16.

¹³ SCHWARCZ citada por ABRAHÃO; SOARES. *O que o brasileiro não esquece [...]*, p. 16.

¹⁴ OBSERVATÓRIO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO FUTEBOL. Levantamento aponta que 41% dos jogadores de futebol já sofreram racismo.

de convergência midiática,¹⁵ como nos episódios protagonizados por Ronaldo Fenômeno e Grafite, na Espanha e no Brasil, respectivamente. Em março de 2005, Ronaldo, atuando pelo Real Madrid, atirou uma garrafa de plástico vazia em torcedores do Málaga após ouvir insultos racistas em campo. Também em 2005, o atacante Grafite, atuando pelo São Paulo, ouviu insultos racistas em partida disputada contra o Quilmes (ARG), no Morumbi, pela Copa Libertadores. Na ocasião, o zagueiro Desábato, que proferiu as injúrias, recebeu voz de prisão ainda no estádio. Outros episódios de racismo que ganharam repercussão na imprensa esportiva incluem, por exemplo, os jogadores Roberto Carlos (2011), Tinga (2014), Hulk (2014), Taison (2019), Dentinho (2019), Neymar (2020) e Richarlison (2022), conforme descrito em matéria da Agência Brasil.¹⁶

Nessa mesma seara de episódios relativamente recentes, cabe destacar principalmente os casos envolvendo o goleiro Aranha e o lateral-direito Daniel Alves, ambos ocorridos em 2014. No “caso Aranha”, quatro torcedores do Grêmio foram indiciados por injúria racial após chamarem o goleiro Aranha de “macaco”, em partida contra o Santos, válida pelas oitavas de final da Copa do Brasil. São eles Éder Braga – que, convém lembrar, é um homem negro – Rodrigo Rychter, Fernando Ascal e Patrícia Moreira, flagrada pelas câmeras de TV no momento exato em que cometia a injúria e cuja imagem foi a que mais repercutiu na mídia em comparação aos demais indiciados. A pena, que poderia variar de um a três anos de prisão, foi substituída pela seguinte sentença: os quatro envolvidos deveriam se apresentar a uma delegacia uma hora antes de cada jogo do Grêmio durante cerca de dez meses. À época do ocorrido, os dirigentes do Grêmio recorreram à decisão do Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD) que excluía a equipe da competição. O STJD, por sua vez, decidiu manter parcialmente a decisão, punindo o time gaúcho com a perda de pontos na tabela, o que invariavelmente eliminava o clube do torneio.¹⁷

Já o “caso Daniel Alves”, ocorrido na Europa meses antes do “caso Aranha”, refere-se à uma partida entre o Villarreal e o Barcelona pelo Campeonato Espanhol de 2014, quando um torcedor do Villa arremessou das arquibancadas uma banana em direção a Daniel Alves, então lateral do Barcelona, enquanto ele se preparava

¹⁵ CASTELLS. *A sociedade em rede*.

¹⁶ CHAVES. Ofensas a Vinícius Jr fazem parte de histórico de racismo no futebol.

¹⁷ GLOBO ESPORTE. Caso Aranha: Polícia divulga imagens para tentar identificar mais envolvidos.

para cobrar escanteio. O incidente consta assim registrado em súmula por David Fernández, árbitro do jogo: “No minuto 75, foi lançada uma banana no local onde Daniel Alves ia cobrar um escanteio. A banana foi recolhida rapidamente pelo jogador, que comeu uma porção e atirou o resto no campo, retomando a partida com total normalidade”.¹⁸ Um dia após o ocorrido, o Villarreal identificou o torcedor que arremessou a banana em direção a Daniel Alves e divulgou um comunicado alegando que proibiria permanentemente a entrada do agressor no estádio El Madrigal.¹⁹

Os casos Aranha, Daniel Alves e Vini Jr. têm em comum o fato de as próprias vítimas terem se posicionado – cada um à sua maneira – contra seus agressores e, numa conjuntura mais ampla, a favor da luta antirracista. O goleiro Aranha, por exemplo, se negou a encontrar a jovem que, dizendo-se arrependida, queria lhe pedir desculpas pessoalmente. Daniel Alves, por sua vez, transformou em ato discursivo sua ação instintiva de comer a banana em campo, como se “engolissem” o preconceito. Já o jogador Vini Jr., dez anos após os episódios envolvendo o goleiro Aranha e o lateral Daniel Alves, encontrou nas mídias sociais e na publicidade o caminho que julgou o mais pertinente para levantar suas bandeiras em defesa da igualdade racial, posicionando-se várias vezes não como vítima do racismo, mas como “algoz dos racistas”, conforme dito por ele próprio.²⁰

O posicionamento diante de causas sociais é um elemento caro ao universo do futebol, sobretudo pela abrangência popular e massiva desse esporte. Considerando-se, principalmente, atletas de grande notoriedade como Vini Jr., com sua extensa comunidade de fãs e sua vasta base de seguidores – atualmente são mais de 50 milhões no Instagram – é natural que seus posicionamentos tenham amplo alcance. Não à toa, são raros os atletas que “tomam partido” no futebol, sob o risco de sofrerem novos ataques e/ou retaliações, seja por parte dos clubes, da imprensa ou dos próprios torcedores. No caso do racismo, a pauta é mais maleável, tendo em vista que, ao menos no plano simbólico, soaria unânime a ideia de se promover um posicionamento antirracista. Entretanto, se levarmos o “tomar partido” ao “pé da letra”, podemos nos deparar com discursos incoerentes que, em seu cerne, oprimem indivíduos que já fazem parte de grupos socialmente minorizados, como os negros.

¹⁸ O GLOBO. Federação espanhola vai analisar caso de racismo contra Daniel Alves.

¹⁹ GLOBO ESPORTE. Villarreal bane para sempre torcedor que atirou banana em Dani Alves.

²⁰ ESPN BRASIL. Vinícius Jr desabafa após condenação de torcedores na Espanha: 'Não sou vítima, sou algoz de racistas'.

Foi com essa questão em mente que, durante o percurso empírico de minha tese de doutorado – citada na introdução deste artigo – perguntei em entrevista aos jornalistas esportivos Juca Kfouri (*Uol*) e Marcelo Barreto (*SporTV*) se caberia aos atletas brasileiros, por seu alcance e apelo midiático, a responsabilidade de se posicionarem frente às pautas políticas e sociais do Brasil. A resposta de Marcelo Barreto foi contundente: “Às vezes o atleta faz uma manifestação para falar de coisas da sociedade. A gente tende a achar que essa manifestação é legítima quando ela é sobre algo que a gente concorda”.²¹ Juca Kfouri, por sua vez, souu menos categórico: “O que a gente mais vê são atletas que reforçam o discurso autoritário, o discurso de direita. Mas eu vou deixar claro pra você: eu aprendi na minha vida a não exigir heróísmo com o pescoço alheio.” E concluiu:

Eu vi o que aconteceu com o Paulo André. O Paulo André começou a liderar aquele movimento do Bom Senso Futebol Clube, e, por pressões, acabou sendo exportado pra China. Você poderá dizer: “Ah, mas que exílio dourado! Foi lá ganhar um dinheirão!” É verdade. Mas ele não queria ir. E quando ele volta, ele ouve do Vanderlei Luxemburgo, que era o técnico do Cruzeiro: “Olha aqui, Paulo André, se você quer ser titular – e você é meu titular – saiba que o presidente me disse que se você continuar falando não vai poder ser titular”. E aí o Paulo André se cala. Ele me disse isso aqui, sentado nesse sofá: “Juca, eu só tenho mais um ano e meio de carreira”. Eu o comprehendo.²²

Mais especificamente em relação à pauta racial, convém destacar o raciocínio de Kfouri quanto à suposta quebra de hierarquias proporcionada pelo futebol enquanto modalidade massiva, citando dois espaços simbólicos que, segundo ele, estariam entre os mais democráticos no Brasil: “Os estádios de futebol, por esse fenômeno: ricos e pobres se abraçam na hora do gol do seu time; e a praia, porque está todo mundo de calção, as mulheres de maiô e não se faz diferença, junta tudo”. Ainda na visão de Kfouri, perspectivas como essa seriam “a prova provada de que no Brasil não tem racismo. E a gente sabe o quanto isso é hipocrisia, o quanto isso é autoengano, que nós adoramos fazer – nós, brasileiros – pra não olhar pras nossas mazelas”.²³

Quanto aos discursos de ódio vindos das arquibancadas, Kfouri enfatiza: “Você encontra gente boa que diz que esse negócio de coro de bicha no estádio não é preconceito, mas uma maneira de provocar o adversário. Vocês querem o quê? Que as pessoas

²¹ BARRETO. Entrevista concedida à autora, 2022, s/p.

²² KFOURI. Entrevista concedida à autora, 2022, s/p.

²³ KFOURI. Entrevista concedida à autora, 2022, s/p.

vão pro estádio e joguem flores umas nas outras?” Marcelo Barreto, por sua vez, correlaciona o impacto dos discursos de ódio – seja nas arquibancadas, seja nos meios virtuais – à necessidade de exposição estimulada pelos próprios mecanismos das redes: “As redes sociais exigem uma fidelidade absoluta ao que você acredita. Eu me lembro sempre de uma frase do Seu Armando Nogueira. Ele dizia pra gente: sem um pouquinho de hipocrisia, a gente não consegue levar essa vida.” Barreto conclui seu raciocínio fazendo um paralelo entre posicionamento político e paixão clubística:

Hoje, hipocrisia é uma palavra maldita nas redes sociais. Você tem que se apegar ao que você acredita e você não pode tolerar nada fora daquilo. Existe o cancelamento e tal. Pode ser um artista que você admira, mas se ele fez algo que você não concorda, você abandona a obra dele junto. São questões muito complexas. E às vezes o futebol deixa a gente nessa enrascada: “E agora? A Copa do Mundo vem aí. O Neymar fez campanha pro Bolsonaro. Mas eu votei no Lula, então eu torço pro Neymar porque eu gosto da Seleção Brasileira? Ou eu abandono a Seleção Brasileira porque a questão política é mais importante e o Neymar joga na Seleção?” Mas eu fico pensando assim também: como é que a Seleção vai nos representar como um coletivo? Se depender do resultado da eleição, a gente teria que ter cinco petistas, cinco bolsonaristas e um “isentão”, né? Aí com os onze talvez a gente representasse o universo político brasileiro, mas não é assim que se monta um time. “Ah, mas o Neymar votou no Bolsonaro e eu sou petista.” Mas cê sabe em quem o Gabigol votou? Cê sabe em quem o Renato Augusto votou? Se cê faz essa pesquisa em todos os clubes do Brasil, cê vai se decepcionar. Se você é petista, se o seu ponto de vista é o ponto de vista da esquerda, e se você fizer essa pesquisa dentro do seu clube, o resultado não vai ser bom pra você. E aí? Cê vai deixar de amar o seu clube?²⁴

Inclusive, em relação aos ataques racistas sofridos por Vini Jr., tanto dentro de campo quanto nas redes sociais, vale destacar que, em muitos desses ataques, o jogador usou seu alcance nas redes para cobrar posicionamento dos clubes espanhóis e, sobretudo, da LaLiga – instituição que organiza o campeonato espanhol, cuja competitividade geralmente está limitada aos dois maiores clubes do país: Barcelona e Real Madrid, atual equipe de Vini Jr.. Após um dos episódios que mais repercutiu midiaticamente – a partida contra o Valencia, em maio de 2023, que foi paralisada no segundo tempo após Vini denunciar ao árbitro os gritos de racismo vindos de grande parte da torcida adversária – o Real Madrid apresentou formalmente uma denúncia na Procuradoria-Geral da Espanha por crimes de ódio contra o jogador.²⁵

²⁴ BARRETO. Entrevista concedida à autora, 2022, s/p.

²⁵ MARTINS. Governo brasileiro cobra Fifa e Espanha após ataques racistas a Vini Jr..

Depois dessa partida entre o Real Madrid e o Valencia, o nome de Vini Jr. foi o assunto mais comentado no Twitter. Em sua conta no Instagram, o próprio Vini Jr. criticou o episódio e cobrou uma posição das autoridades, em especial do presidente da LaLiga, Ravier Tebas, usando o slogan da competição para ironizar a normalização do racismo no país: “Não é futebol, é LaLiga”. O presidente Tebas, por sua parte, em vez de se solidarizar com o jogador, insinuou que Vini Jr. deveria “se informar melhor” sobre as decisões da instituição na luta antirracista: “Antes de criticar e insultar LaLiga, é preciso que você se informe bem, Vinícius Jr. Não se deixe manipular e certifique-se de compreender plenamente as competências de cada um e o trabalho que temos feito”.²⁶

Fato é que, somente um ano após esse caso, ocorreram as primeiras punições da história da Espanha por racismo no futebol, ou por “discriminação por motivos racistas”, como consta na sentença proferida em junho de 2024,²⁷ quando três torcedores do Valencia, identificados no episódio de maio de 2023, foram condenados pela justiça espanhola a oito meses de prisão, ficando proibidos também de frequentar estádios de futebol no país por dois anos. Em sua conta no Instagram, Vini Jr. se posicionou logo após a condenação: “Como sempre disse, não sou vítima de racismo, sou alvo de racistas, essa primeira condenação penal da história da Espanha não é por mim. É por todos os pretos”.²⁸ Javier Tebas, presidente da LaLiga, aperfeiçoou seu discurso depois dessa decisão judicial – que contou ainda com a colaboração do clube Valencia na identificação dos agressores – e, então, se pronunciou nas redes, enfatizando o papel de sua instituição no episódio:

Esta sentença é uma ótima notícia para a luta contra o racismo na Espanha, pois repara os danos sofridos por Vinícius Júnior e envia uma mensagem clara para aquelas pessoas que vão a um estádio de futebol para insultar que a LaLiga irá detectá-los, denunciá-los e haverá consequências criminais.²⁹

Cabe lembrar que, nesse intervalo de um ano entre o episódio marcante na partida contra o Valencia e a condenação dos responsáveis, Vini Jr. foi vítima de outros ataques racistas e nunca deixou de cobrar punição das autoridades. Embora seu

²⁶ GLOBO ESPORTE. Presidente de LaLiga retruca Vinícius Júnior, que reage: "Quero ação".

²⁷ ESPN BRASIL. Torcedores do Valencia são condenados a oito meses de prisão por insultos racistas a Vinícius Jr.

²⁸ GLOBO ESPORTE. Racismo contra Vini Jr.: torcedores do Valencia são condenados a oito meses de prisão.

²⁹ GLOBO ESPORTE. Racismo contra Vini Jr. [...].

nome continuasse tendo ampla repercussão nas mídias sociais – fosse por pessoas anônimas, famosas ou pelo governo brasileiro,³⁰ que também se solidarizou com o jogador – o próprio Vini Jr. fazia questão de criticar a normalização do racismo na Espanha, tanto por parte da LaLiga, quanto por parte da cultura torcedora do país, que, inclusive, incentiva a prática do discurso de ódio nas arquibancadas e nas redes sociais, segundo Vini Jr. Em relação às hashtags de apoio ao jogador e às críticas à federação espanhola, a exemplo da hashtag #LaLigaRacista, Vini é conclusivo em seu discurso: “Quero ações e punições; hashtag não me comove”.³¹

ATIVISMO DE HASHTAG, DISCURSIVIDADE E LINGUAGEM NAS REDES

Lembro com muito gosto o modo como ela se referia a ele. Pelo menos ela o fez uma vez e isso ficou marcado muito fundo, dizendo, "Caetano, venha ver o preto que você gosta". Isso de dizer o preto, sorrindo ternamente como ela o fazia, o fez, tinha, teve, tem, um sabor esquisito que intensificava o encanto da arte e da personalidade do moço no vídeo. Era como se se somasse àquilo que eu via e ouvia a uma outra graça ou como se a confirmação da realidade daquela pessoa dando-se assim na forma de uma bênção, adensasse sua beleza. Eu sentia a alegria por Gil existir. Por ele ser preto, por ele ser ele. E por minha mãe saudar tudo isso de forma tão direta e tão transcendente. Era evidentemente um grande acontecimento a aparição dessa pessoa. E minha mãe festejava comigo a descoberta.³²

O trecho acima, retirado de *Verdade tropical*, livro de memórias de Caetano Veloso, ilustra a discursividade da palavra “preto” proferida pela mãe de Caetano como quem abençoa a amizade e parceria do filho com Gilberto Gil, no início dos anos sessenta. Dando um salto temporal para os dias de hoje, “venha ver o preto que você gosta” poderia soar uma menção problemática se descontextualizada em frases soltas, por exemplo, no Twitter, em meio ao que se convencionou chamar de ativismo digital, conceito que aqui neste artigo se faz representar pelo uso do recurso hashtag.³³ No livro de Caetano, “venha ver o preto que você gosta” soa poético.

Importa destacar que, dez anos após o lançamento da primeira edição de *Verdade tropical*, o uso de uma hashtag foi registrado pela primeira vez no Twitter. Foi também em 2007 que o designer Chris Messina, que se autointitula “o inventor

³⁰ Após os ataques racistas sofridos por Vini Jr. em maio de 2023 na partida entre Valencia x Real Madrid, o Governo brasileiro também cobrou posicionamento da LaLiga e da Fifa, bem como punição aos envolvidos, por meio de um comunicado assinado de forma conjunta pelos ministérios de Relações Exteriores, Igualdade Racial, Esporte e Direitos Humanos e Cidadania.

³¹ GLOBO ESPORTE. Presidente de LaLiga retruca Vinícius Júnior, que reage: "Quero ação".

³² VELOSO. *Verdade tropical*, p. 197.

³³ GOSWAMI. *Social media and hashtag activism*.

da hashtag”, atribuiu o símbolo hash (#) ao recurso, que funcionaria como um agregador de mensagens na plataforma.³⁴ A ideia era que interesses semelhantes pudessem ser agregados e acessados por diferentes públicos via mecanismo único – a hashtag – que traria consigo palavras que representassem discursos, públicos e comunidades.³⁵ Conforme afirmam Chagas, Carreiro, Santos e Popolin,³⁶ “isso não só dá visibilidade a públicos altamente engajados, mas também permite que novos públicos se juntem às ações realizadas por um grupo já articulado”. Nesse sentido, as hashtags, sobretudo as que alcançam os trending topics do Twitter, acabam se tornando uma “janela de oportunidade para movimentos sociais e grupos ativistas que buscam dar visibilidade às suas agendas”.³⁷

As duas hashtags em análise discursiva neste artigo – #BailaViniJr e #SomosTodosMacacos – por exemplo, chegaram a figurar nos trending topics à época em que viralizaram, 2023 e 2014, respectivamente. Embora tenham formações discursivas opostas, ambas foram utilizadas na intenção de dar visibilidade à pauta antirracista por meio dos episódios protagonizados pelos jogadores Vini Jr. e Daniel Alves. Importa ressaltar que, nesses quase dez anos de intervalo entre os dois episódios, muitos estudos foram conduzidos com o objetivo de se compreender o uso do recurso hashtag enquanto ferramenta discursiva capaz de gerar impacto não apenas midiático, mas também social. Nesse percurso, emergiram novos conceitos em torno do termo, como a expressão “guerra de hashtags”, concepção relativa a momentos políticos polarizados nos quais as hashtags funcionavam como bandeiras representativas dos dois polos em disputa. Soares e Recuero³⁸ mostram como isso se evidenciou, por exemplo, no contexto de desinformação política e “disputa de narrativas” no Twitter durante as eleições presidenciais brasileiras em 2018.

Em perspectiva semelhante, von Bülow e Dias também mostraram como essa disputa discursiva se desenhou no Twitter à época do impeachment de Dilma Rousseff, demonstrando como o ativismo digital envolvendo múltiplos atores (usuários comuns,

³⁴ MESSINA. Groups for Twitter: or a proposal for Twitter tag channels.

³⁵ VAN DEN BERG. The story of the hashtag(#): A practical theological tracing of the hashtag(#) symbol on Twitter.

³⁶ CHAGAS; CARREIRO; SANTOS; POPOLIN. Far-Right Digital Activism in Polarized Contexts: A Comparative Analysis of Engagement in Hashtag Wars.

³⁷ CHAGAS; CARREIRO; SANTOS; POPOLIN. Far-Right Digital Activism in Polarized Contexts, p. 42.

³⁸ SOARES; RECUERO. Guerras de hashtags: desinformação política e lutas discursivas em conversas do Twitter durante a campanha presidencial brasileira de 2018.

perfis oficiais de políticos, organizações da sociedade civil e até a própria imprensa) gerou “redes políticas temporárias” de hashtags contra ou a favor do impeachment da então presidente.³⁹ Nessa mesma seara dos contextos políticos polarizados, Chagas, Carreiro, Santos e Popolin⁴⁰ avaliaram, a partir de uma análise comparativa de hashtags, como a extrema-direita espalhou sua agenda extremista pelo Twitter durante o governo de Jair Messias Bolsonaro. O que esses três trabalhos têm em comum, além do fato de demonstrarem o caráter hierárquico do debate nas redes – centralizado em “bolhas ideológicas” – é o fato de os resultados evidenciarem como os discursos polarizados se constituem e se alastram nas redes a partir dessas “guerras de hashtags”, com considerável vantagem da agenda política da extrema-direita.

Os resultados revelam a formação de bolhas ideológicas e homóflicas compostas por militantes altamente engajados que podem contribuir para distorcer o debate público, dando visibilidade a certas agendas, em detrimento de outras. Nesse sentido, as hashtags de extrema-direita são muito mais bem articuladas e crescem muito mais rápido do que as hashtags de oposição, sugerindo que os apoiadores de Jair Bolsonaro têm sido capazes de incorporar os recursos da plataforma com mais eficácia.⁴¹

Com relação à discursividade dos termos tagueados, ao comparar hashtags da extrema-direita com hashtags de oposição, Chagas *et al.* mostram que, mais do que identificar práticas políticas relativas a esses espectros ideológicos, é possível inferir que o uso de hashtags em contextos polarizados tornou-se um modo particular de “participação cívica”, no qual as hashtags funcionariam como “uma ferramenta poderosa para aumentar o alcance de declarações políticas e sociais”,⁴² ainda que favorecendo determinada agenda. Nesse sentido, o conceito de “guerra de hashtags” poderia ser visto como um subgrupo dentro do amplo “guarda-chuva” do ativismo digital, conceito este definido por von Bülow, Vilaça e Abelin⁴³ como um compilado de “ações que buscam alcançar impactos políticos em um contexto particular a partir de ferramentas digitais”. Nesse mesmo raciocínio, as guerras de

³⁹ VON BULOW; DIAS. O ativismo de hashtags contra e a favor do impeachment de Dilma Rousseff, p. 10.

⁴⁰ CHAGAS; CARREIRO; SANTOS; POPOLIN. Far-Right Digital Activism in Polarized Contexts.

⁴¹ CHAGAS; CARREIRO; SANTOS; POPOLIN. Far-Right Digital Activism in Polarized Contexts, p. 43.

⁴² CHAGAS; CARREIRO; SANTOS; POPOLIN. Far-Right Digital Activism in Polarized Contexts, p. 43.

⁴³ VON BULOW; VILAÇA; ABELIN. Varieties of Digital Activist Practices: Students and Mobilization in Chile, p. 1771.

hashtags seriam, para Soares e Recuero,⁴⁴ o resultado da apropriação das affordances do Twitter pelos usuários, podendo ser entendidas como “lutas discursivas” a favor de causas políticas e/ou sociais, como foi o caso da campanha eleitoral para a presidência do Brasil em 2018. A intenção desse tipo de estratégia, por sua vez, é estimular o ativismo em termos de “visibilidade, engajamento e pluralidade”,⁴⁵ o que nem sempre se efetiva.

Interessa ressaltar que, conforme registrado por Goswami,⁴⁶ o uso de hashtag como forma de ativismo se deu pela primeira vez em 2011, no jornal inglês The Guardian, durante o movimento “Occupy Wall Street”. Dali em diante, vários movimentos orientados pelo ativismo de hashtag – o que alguns autores conceituam como hashtivism⁴⁷ – ganharam alcance, com destaque sobretudo para pautas envolvendo a política global e as agendas feministas e antirracistas, a exemplo das hashtags #ArabSpring (2011), #MeToo (2017) e #BlackLivesMatter (2013/2020). Nesse percurso, “as hashtags passaram a ser incorporadas não tanto como um mecanismo de comunicação interpessoal, mas mais como um repertório de ação coletiva”.⁴⁸

Quanto à agenda feminista, cabe trazer como exemplo também a hashtag #ChegadeFiuFiu, debatida por Orlandini em artigo intitulado “Ativismo de sofá ou participação política”, no qual a autora avalia se as mobilizações geradas pelo uso dessa hashtag no Twitter incitaram, de fato, um processo de politização das demandas feministas, trazendo essas reivindicações para a esfera pública e governamental. Nesse artigo, Orlandini afirma que o ativismo de hashtag se consolidou como a principal estratégia comunicativa dos movimentos feministas da atualidade, já que, “partindo das ações pessoais isoladas, as mulheres constroem identidades coletivas em vista da identificação, da solidariedade e do encorajamento”.⁴⁹ No entanto, a autora pondera sobre a eficácia desse mecanismo, uma vez que o ativismo de hashtag está invariavelmente imbricado entre as dimensões técnicas das plataformas e as questões sociais, políticas e econômicas contidas no discurso tagueado.

⁴⁴ SOARES; RECUERO. Guerras de hashtags.

⁴⁵ CHAGAS; CARREIRO; SANTOS; POPOLIN. Far-Right Digital Activism in Polarized Contexts, p. 44.

⁴⁶ GOSWAMI. *Social media and hashtag activism*.

⁴⁷ OLIVEIRA; RIBEIRO. #Blacklivesmatter and others hashtivisms: Language and its role on virtual protests.

⁴⁸ CHAGAS; CARREIRO; SANTOS; POPOLIN. Far-Right Digital Activism in Polarized Contexts, p. 43.

⁴⁹ ORLANDINI. Ativismo de sofá ou participação política? Os processos de politização do ativismo por hashtag. p. 145.

No caso específico das hashtags da agenda feminista, como #ChegadeFiufiu (2013), #PrimeiroAssédio (2015), #MeToo (2017), #NãoÉNão (2017), #EleNão (2018), entre outras, pode-se dizer que o ativismo digital contribuiu de fato para elevar a pauta de gênero ao debate público, influenciando no avanço legislativo e na proposição de políticas públicas voltadas à proteção da mulher. Alguns exemplos vêm, inclusive, do universo esportivo, como a Lei do Feminicídio (Lei nº 13.104), de 2015, que foi instituída no Brasil dois anos após a condenação do goleiro Bruno Fernandes por homicídio, ocultação de cadáver, sequestro e cárcere privado de Eliza Samúdio,⁵⁰ num momento em que o país passou a olhar com mais rigor para esse tipo de crime.

Outro exemplo refere-se aos casos de estupro, como na instituição da Lei “Não é Não” (Lei nº 14.786), que foi promulgada em dezembro de 2023 no Brasil inspirada pelo protocolo “Solo Sí Es Sí”, instituído um ano antes na Espanha – protocolo este fundamental para a condenação do próprio jogador Daniel Alves que, em dezembro de 2022, estuprou uma mulher num banheiro de boate em Barcelona. Não é a intenção deste artigo debater esse caso, já debatido pela autora em outros artigos acadêmicos.⁵¹ Aqui, remonta-se à figura de Daniel Alves pelo fato ocorrido em 2014, quando o jogador foi vítima de racismo enquanto cobrava escanteio no estádio El Madrigal. Esse fato deu origem à hashtag #SomosTodosMacacos que, junto da hashtag #BailaViniJr, será analisada discursivamente no próximo tópico deste trabalho, na intenção de avaliar se – e em que medida(s) – o ativismo de hashtag se efetivou nesses dois episódios.

FORMAÇÕES DISCURSIVAS NAS HASHTAGS #SOMOSTODOSMACACOS E #BAILAVINIJR

Tem uma referência direta à canção do Elomar, que eu adoro, que fala “viola, alforria, amor, dinheiro não”. “Beleza pura” é uma saudação ao início da “tomada” da cidade de Salvador pelos pretos. Ela sempre foi uma cidade com muitos pretos mas, até os anos 70, eles ficavam mais ou menos “nos seus lugares”: puxadores de rede, de xaréu, tocadores de candomblé, pescadores, vendedores de acarajé, todos muito nobres, bonitos, mas cada um no seu lugar tradicional. E, nos anos 70, em grande parte por influência do movimento negro norte-americano e sul-africano, mas também por desenvolvimento do mundo e do Brasil, os pretos tomaram conta da cidade da Bahia de outra maneira, e “Beleza pura” é

⁵⁰ FIORI; PISANI. Feminicida não merece torcida: imagens e repercussões sobre o caso Eliza Samúdio e a trajetória do ex-goleiro Bruno Fernandes.

⁵¹ NEVES. Casos Daniel Alves, Robinho e Cuca: o papel do jornalismo esportivo no combate à violência de gênero e ao crime de estupro.

uma saudação ao início desse acontecimento.⁵²

No livro *Sobre as letras*, em que o professor de literatura brasileira Eucanaã Ferraz reúne as composições de Caetano Veloso comentadas pelo próprio compositor, Caetano narra o processo criativo de “Beleza pura”, canção originalmente lançada em seu álbum *Cinema transcendental*, de 1979. Como quem se defende das críticas que, a posteriori, associaram a letra de “Beleza pura” a um discurso racista, Caetano explica que as menções à beleza negra contidas na letra são construções discursivas derivadas do movimento estadunidense “Black is beautiful”, que se popularizou também no Brasil dos anos setenta. Esse trecho do livro poderia ser visto, portanto, como um contra-argumento às talas críticas que acusavam o compositor de descrever o negro sob um olhar estereotipado e preconceituoso, a exemplo das estrofes referindo-se à preta que começa a tratar do cabelo, ao turbante chique e elegante dos Filhos de Gandhi ou mesmo ao “moço lindo do Badauê”, em verso que, convém lembrar, remete ao capoeirista Mestre Moa do Katendê, assassinado a facadas depois de uma discussão política em 2018.⁵³

A despeito do controverso papel da licença poética em “Beleza pura”, o exemplo da canção de Caetano Veloso dialoga com a metodologia proposta aqui neste artigo, considerando-se as diferentes “formações discursivas” que os termos associados à raça negra podem assumir na canção, a depender do ponto de vista de quem os interpreta. Essa é, pois, uma das premissas da análise de discurso de linha francesa, método introduzido no Brasil pela professora e linguista Eni Orlandi.⁵⁴ Em síntese, a Análise de Discurso (AD), conforme descrita por Orlandi, consiste em tomar o discurso não como algo hermético, mas como um processo linguístico balizado pelas interações entre a língua e as “formações discursivas e ideológicas” dos sujeitos em jogo no processo comunicacional. Nesse âmbito, Orlandi afirma que “o conceito básico para a AD é o de condições de produção. Essas condições de produção caracterizam o discurso, o constituem e como tal são objetos de análise”⁵⁵.

As condições de produção implicam o que é material (a língua sujeita a equívoco e a historicidade), o que é institucional (a formação social, em sua ordem) e o mecanismo imaginário. Esse mecanismo produz imagens dos sujeitos, assim como do objeto do discurso, dentro de uma conjuntura

⁵² VELOSO apud FERRAZ. *Sobre as letras*, p. 27-8.

⁵³ PORTAL G1 BA. Mestre de capoeira é morto a golpes de faca após discussão política na Bahia.

⁵⁴ ORLANDI. *Discurso e Leitura*.

⁵⁵ ORLANDI. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*, p. 101.

sócio-histórica. Temos assim a imagem da posição sujeito locutor (quem sou eu para lhe falar assim?) mas também da posição sujeito interlocutor (quem é ele para me falar assim, ou para que eu lhe fale assim?) e também a do objeto do discurso (do que estou lhe falando, do que ele me fala?). É pois todo um jogo imaginário que preside a troca de palavras.⁵⁶

Trazendo esse raciocínio para o objeto aqui em debate – o racismo no futebol denunciado pelas hashtags #SomosTodosMacacos (2014) e #BailaViniJr (2023) – entende-se que a análise das condições de produção desse discurso supostamente ativista devem necessariamente considerar a conjuntura sócio-histórica desses dois episódios, ocorridos num intervalo de uma década entre si, bem como as posições dos sujeitos discursivos em jogo: Vini Jr., Daniel Alves, imprensa esportiva, formadores de opinião, usuários comuns do Twitter, entre outros agentes que contribuíram para que tais hashtags viralizassem nas redes sociais. Porém, mais do que a historicidade que permite inferir que a hashtag #SomosTodosMacacos, por seu teor discursivo, talvez não alcançasse hoje os trending topics do Twitter como alcançou em 2014, importa debater sobretudo o que Orlandi chama de “equívocos” aos quais está sujeita a linguagem.

Se para a agência de publicidade Loduca, responsável pela campanha #SomosTodosMacacos, esta é uma hashtag antirracista, para Luiza Bairros, à época ministra da Igualdade Racial no Brasil, essa expressão assume, equivocadamente, uma conotação discriminatória ao associar a pessoa negra à imagem de um macaco: “Se você assume essa imagem como válida, corre o risco também de reforçar o estereótipo. Eu entendo a campanha e a motivação da campanha, mas não é possível assegurar que ela tenha o sucesso necessário para reverter a representação negativa que a palavra ‘macaco’ tem quando associada à pessoa negra”.⁵⁷ A agência Loduca, por sua vez, argumenta de forma superficial que a hashtag #SomosTodosMacacos “não chama os negros de macacos, mas lembra ou alerta aos brancos que somos todos iguais, vindos do mesmo macaco”.⁵⁸

Vale lembrar que quem contratou a agência Loduca para assinar a campanha em questão foi o jogador Neymar, num ato de solidariedade ao colega

⁵⁶ ORLANDI. *Análise de Discurso*, p. 40.

⁵⁷ BAIRROS citada por RAMALHO. Para ministra, frase de Neymar contra racismo pode reforçar estereótipo.

⁵⁸ LODUCCA citada por RAMALHO. Para ministra, frase de Neymar contra racismo [...].

Daniel Alves.⁵⁹ Respaldando a atitude do então camisa 10 da seleção, muitos famosos “surfaram a onda” antirracista e postaram fotos segurando uma banana, acompanhadas da legenda #SomosTodosMacacos, entre eles Luciano Huck, Angélica, Michel Teló, Ivete Sangalo e Claudia Leitte. Todos eles, cabe destacar, tinham pelo menos dez milhões de seguidores no Instagram à época do ocorrido, conforme registrado no portal da Revista Caras.⁶⁰ No âmbito discursivo, que interessa a este artigo, as conotações opostas atribuídas à hashtag #SomosTodosMacacos por essas personalidades e pela ex-ministra Bairros se devem, portanto, às formações ideológicas e discursivas que fazem com que a palavra “macaco” assuma determinados sentidos e não outros, ou seja, “palavras iguais podem significar diferentemente porque se inscrevem em formações discursivas diferentes”.⁶¹

O discurso se constitui em seu sentido porque aquilo que o sujeito diz se inscreve em uma formação discursiva e não outra para ter um sentido e não outro. Por aí podemos perceber que as palavras não têm um sentido nelas mesmas, elas derivam seus sentidos das formações discursivas em que se inscrevem. As formações discursivas, por sua vez, representam no discurso as formações ideológicas. Desse modo, os sentidos sempre são determinados ideologicamente. Não há sentido que não o seja. Tudo que dizemos tem, pois, um traço ideológico em relação a outros traços ideológicos. E isto não está na essência das palavras, mas na discursividade, isto é, na maneira como, no discurso, a ideologia produz seus efeitos, materializando-se nele. O estudo do discurso explicita a maneira como linguagem e ideologia se articulam, se afetam em sua relação recíproca.⁶²

Dez anos depois desse episódio, quando a hashtag #BailaViniJr também alcançou os trending topics do Twitter, a discussão sobre as diferentes conotações da palavra macaco na luta antirracista parece já ter sido superada. Ironicamente, a hashtag #BailaViniJr surgiu em resposta ao uso da palavra “macaquice” como forma de discriminar as danças que o jogador Vinícius Jr. costuma fazer em campo ao comemorar seus gols. Em setembro de 2022, quando o agente de jogadores Pedro Bravo disse no programa esportivo de maior audiência da Espanha que Vini Jr. tinha que “deixar de fazer macaquice”, o jogador se pronunciou em sua conta no

⁵⁹ PIRES; WEBER. Somos todos mestiços: visibilidade e naturalização do racismo na campanha “Somos Todos Macacos”.

⁶⁰ CARAS DIGITAL. Dilma, Luciano Huck e outros famosos postam fotos com banana em apoio a Daniel Alves.

⁶¹ ORLANDI. *Análise de Discurso*, p. 44.

⁶² Orlandi. *Análise de Discurso*, p. 43.

Instagram, postando um vídeo acompanhado da hashtag em questão, onde denuncia o racismo na Espanha e o discurso de ódio presente nos comentários que recebe em suas próprias redes desde que foi contratado pelo Real Madrid: “Dizem que felicidade incomoda. A felicidade de um preto brasileiro, vitorioso na Europa, incomoda muito mais. [...] Fui vítima de xenofobia e racismo numa só declaração. Mas nada disso começou ontem”.⁶³

Cabe ilustrar esse debate em perspectiva semelhante trazida no relatório *O racismo não anda só*, produzido pelo Aláfia Lab. No documento, os autores exploram a temática do racismo a partir de cinco dimensões discursivas identificadas nas redes sociais – aparência; expressão; religiosidade; gênero; territorialidade – as quais dialogam com o caso Vini Jr., que inclusive ilustra o relatório. Nessa perspectiva, o racismo nas redes se dimensionaria sobretudo por suas dimensões interseccionais, ou seja, “não é apenas por ser negro, é por ser ‘macumbeiro’, por parecer um animal, por ser ‘favelado’, por ser mulher, por dançar”.⁶⁴ Mais especificamente no “caso Vini Jr.”, interessa ainda destacar a discursividade do termo “bailar” associado às comemorações que não só ele, mas também outros jogadores costumam fazer em campo. No mesmo vídeo citado anteriormente, Vini Jr. remete suas danças à identidade cultural de povos negros:

Há semanas, começaram a criminalizar minhas danças. Danças que não são minhas. São do Ronaldinho, do Neymar, do Paquetá, do Pogba, do Matheus Cunha, do Griezmann e do João Félix. Dos funkeiros e sambistas brasileiros. Dos cantores latinos de reggaeton e dos pretos americanos. São danças para celebrar a diversidade cultural do mundo. [...] Sempre tentei ser um exemplo de profissional e cidadão. Mas isso não dá clique, não engaja em rede social. Então os covardes inventam algum problema para me atacar. Repito pra você, racista: eu não vou parar de bailar, seja no sambódromo, no Bernabéu, ou onde eu quiser.⁶⁵

Esses e outros posicionamentos de Vini Jr. chamaram atenção da imprensa não só devido à dimensão da pauta antirracista em si mas, sobretudo, porque não é comum que se assuma esse tipo de posicionamento no futebol, território conflagrado por discriminações de raça, gênero e classe já há séculos legitimadas pela hostilidade intrínseca ao ambiente das arquibancadas. O jornalismo, contudo, vem

⁶³ Globo Esporte. Vinícius Júnior se pronuncia: "Aceitem, respeitem ou surtem. Eu não vou parar de bailar".

⁶⁴ SANTOS; ALMADA; CARREIRO; CERQUEIRA. *O racismo não anda só: as dimensões do racismo nas redes*, p. 4.

⁶⁵ GLOBO ESPORTE. Vinícius Júnior se pronuncia: "Aceitem, respeitem ou surtem [...]".

cumprindo o seu papel, ainda que protocolarmente. Nesse sentido, convém trazer à discussão a dissertação de mestrado do pesquisador Emerson Esteves, intitulada *O jornalismo é uma arma de combate: uma análise dos perfis de reportagem da Rede Globo na cobertura da tematização do racismo no esporte*. Em diálogo com a obra da jornalista e professora Fabiana Moraes⁶⁶ – *A pauta é uma arma de combate: subjetividade, prática reflexiva e posicionamento para superar um jornalismo que desumaniza* – Esteves⁶⁷ avaliou 36 reportagens do Grupo Globo na intenção de identificar discursivamente como o racismo no esporte foi pautado pela emissora entre os anos de 2017 e 2021.

Como resultado, Esteves (2024) evidenciou que a cobertura do racismo assume basicamente dois perfis discursivos, “passivo-neutro” e “ativo-advocatório”, com predominância do segundo perfil nas reportagens por ele avaliadas. Isso denota, de acordo com o pesquisador, certo avanço da cobertura midiática no que diz respeito a temas que, em décadas anteriores, eram tratados majoritariamente sob a ótica da objetividade e neutralidade jornalísticas – daí a categorização “passivo-neutro”. Já o perfil “ativo-advocatório”, que parece ser a tônica das reportagens de meados da década de 2010 em diante, valoriza não só a subjetividade do repórter que cobre a pauta, mas também a contextualização e humanização dos casos a partir de uma interação mais aprofundada com as fontes, bem como a partir da mescla de fontes oficiais, institucionais e anônimas para contextualizar as pautas raciais no exporte.

Ainda quanto à função do jornalismo no enquadramento de pautas antirracistas, interessa ressaltar a pesquisa realizada pela consultoria Pew Research Center⁶⁸ sobre os dez anos da hashtag #BlackLivesMatter. Essa hashtag se originou em 2013 depois que o vigilante George Zimmerman foi absolvido pelo assassinato de um jovem negro de dezessete anos, Trayvon Martin, em Sanford, Flórida, por considerá-lo suspeito. Em perspectiva semelhante, após a morte de George Floyd em 2020, estrangulado pelo policial Derek Chauvin – devido ao suposto uso de nota falsificada num supermercado em Minneapolis, Minnesota – a

⁶⁶ MORAES. *A pauta é uma arma de combate*.

⁶⁷ ESTEVES. *O jornalismo é uma arma de combate: uma análise dos perfis de reportagem da Rede Globo na cobertura da tematização do racismo no esporte*.

⁶⁸ PEW RESEARCH CENTER. Support for the Black Lives Matter Movement Has Dropped Considerably From Its Peak in 2020.

hashtag #BlackLivesMatter alcançou seu pico de uso nas redes, sendo que, dos quase dez milhões de usuários que utilizaram a hashtag no Twitter nesse intervalo de dez anos, 6,8 milhões deles se referiam à morte de Floyd. Segundo o Pew Research Center, de 2013 a 2023, foram ao todo 44 milhões de postagens com a hashtag #BlackLivesMatter no Twitter.

Com esse estudo de 2023, o Pew Research Center evidenciou ainda que a crença dos usuários de redes sociais no ativismo digital vem diminuindo ao longo dos anos. Conforme a pesquisa, realizada com 5.073 usuários adultos de redes sociais nos Estados Unidos, quatro em cada dez usuários acreditam que essas plataformas têm alguma relevância para agregar pessoas que compartilham das mesmas opiniões. Além disso, 30% dos usuários entrevistados na pesquisa valorizam as redes sociais como instrumento de ativismo e 27% creem nessas plataformas como espaços discursivos para expressarem suas visões de mundo. Em 2020, quando a hashatg #BlackLivesMatter atingiu seu pico de uso no Twitter, essas taxas eram respectivamente de 45%, 44% e 40%. Mais especificamente sobre a relevância das redes sociais do ponto de vista midiático, 67% dos usuários acreditam que as redes favorecem o agendamento da mídia ao trazerem à tona questões que, por outros meios, não receberiam tanta atenção. Todavia, 82% dos usuários afirmaram que as redes sociais “distraem sobre o que realmente importa”.

Quanto às críticas voltadas ao que se convencionou chamar de “ativismo de sofá”, 76% dos usuários que responderam ao Pew Research Center acreditam que as mídias digitais “criam uma ilusão de estar ‘fazendo a diferença’ que não corresponde à realidade”. Esse estudo também apontou que as mídias digitais levam ligeira vantagem no agendamento de pautas antirracistas em relação às mídias tradicionais, como impresso, rádio e TV: enquanto 35% dos usuários acreditam que a imprensa tradicional pode ser “extremamente eficaz” em chamar atenção para a pauta racial, 43% creem que as mídias digitais têm maior apelo nesse sentido. Contudo, cabe destacar que, seja na imprensa tradicional, seja nas mídias digitais, a crença no jornalismo como “arma de combate” – para usar os termos citados por Esteves e Moraes – é consideravelmente baixa – menor do que 50%, em ambos os casos – fazendo inferir, por exemplo, que o jornalismo de “combate” está associado a uma visão romântica do jornalismo tal qual o ativismo de hashtag estaria associado a uma visão romântica de ativismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo preliminar que debateu racismo no futebol e ativismo de hashtag, ponderou-se sobre a efetividade do recurso hashtag enquanto ferramenta discursiva de apoio à pauta antirracista. Partindo de uma revisão bibliográfica que envolve casos de racismo no futebol – da culpabilização do goleiro Barbosa pelo *Maracanazzo* de 1950 aos 21 episódios de racismo contra o atacante Vini Jr. contabilizados pela LaLiga num intervalo de três anos – buscou-se compreender em que medida(s) o chamado ativismo de hashtag contribui, em termos discursivos, para a prevenção e combate ao racismo. Mesmo que, no âmbito combativo-punitivo, a responsabilidade nesse debate caiba à esfera jurídica, no âmbito preventivo pode-se dizer que o jornalismo vem fazendo sua parte ao dar profundidade às coberturas sobre o tema.

Vale ressaltar que, em junho de 2024 – cerca de um ano após Vini Jr. sofrer um dos ataques racistas mais violentos de sua carreira – três pessoas envolvidas no ato foram condenadas, em decisão inédita que partiu da justiça espanhola. Essas condenações, por si só, demonstram certo avanço na causa, especialmente considerando-se que, no universo futebolístico, discursos discriminatórios parecem estar legitimados nas arquibancadas. Dados do Observatório da Discriminação Racial no Futebol⁶⁹ ilustram essa mesma perspectiva. Se, por um lado, os dados do Observatório mostram que o crime de racismo no futebol aumentou nos últimos anos – foram 64 registros em 2021 e 90 registros em 2022 – por outro lado esses dados sugerem uma tomada de consciência importante, pois indicam que as denúncias estão sendo feitas, o que, em alguma medida, pode estar associado ao fato de a imprensa vir trabalhando melhor essa pauta nos últimos anos.

Nesse sentido, recursos atrelados às mídias digitais, como as hashtags, mesmo que minimamente, também contribuem para o agendamento midiático. Basta lembrar que, em outubro de 2024, após a entrega do prêmio *Ballon d'Or* (Bola de Ouro) da *France Football*, Vini Jr. voltou a ser assunto nas mídias sociais ao ficar

⁶⁹ OBSERVATÓRIO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO FUTEBOL. *Casos de preconceito contra atletas cresceram 40% nos estádios brasileiros em 2022.*

com a segunda colocação no prêmio, devido a uma suposta retaliação por seu posicionamento veemente contra os ataques racistas que sofreu desde que chegou ao Real Madrid. Ainda que a repercussão do *Ballon d'Or 2024* insinue o quanto o racismo segue, mesmo que sutilmente, arraigado nas instituições e espaços de poder, as hashtags analisadas discursivamente neste artigo sinalizam algum avanço na causa, ao menos em termos midiáticos.

Ao se comparar os efeitos discursivos das hashtags #SomosTodosMacacos (2014) e #BailaViniJr (2023), por exemplo, é nítido que as formações de sentido contidas nessas duas hashtags são opostas, apesar de ambas terem motivação antirracista. Hoje, dez anos após a injúria racial sofrida por Daniel Alves, já se comprehende no senso-comum o sentido negativo que uma hashtag controversa como a #SomosTodosMacacos assume no agendamento de uma pauta racial. O “caso Vini Jr.”, no entanto, mais do que reacender o debate sobre ativismo digital, mostra que muito ainda precisa ser feito para que os estádios de futebol – e as plataformas digitais – se tornem ambientes menos hostis às minorias sociais. Aos jornalistas, por sua vez, cabe o desafio de propor outros caminhos discursivos que, para além do ativismo digital, permitam estimular o pensamento crítico e fomentar o debate antirracista, dimensionando fenômenos estruturais em vez de meramente reportar fatos indexados por uma hashtag.

* * *

REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, Bruno. **O ‘preconceito de marca’ e a ambiguidade do ‘racismo à brasileira’ no futebol**. Tese (Doutorado em Educação Física) - Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2010.
- ABRAHÃO, Bruno; SOARES, Antonio. O que o brasileiro não esquece nem a tiro é o chamado frango de Barbosa: questões sobre o racismo no futebol brasileiro. **Movimento**, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 13-31, 2009.
- ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2019.
- BARRETO, Marcelo. Entrevista concedida à Thalita Neves. Rio de Janeiro, 8 nov. 2022.

BORGES, Márcio. **Os sonhos não envelhecem**: Histórias do Clube da Esquina. São Paulo: Geração Editorial, 2011.

CARAS DIGITAL. Dilma, Luciano Huck e outros famosos postam fotos com banana em apoio a Daniel Alves. **Revista Caras**, São Paulo, 28 abr. 2014. Disponível em: <https://abrir.link/LRCPk>. Acesso em: 18 out. 2024.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**. Movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CHAGAS, Viktor; CARREIRO, Rodrigo; SANTOS, Nina; POPOLIN, Guilherme. Far-Right Digital Activism in Polarized Contexts: A Comparative Analysis of Engagement in Hashtag Wars. **Media and Communication**, v. 10, n. 4, p. 42-55, 2022.

CHAVES, Lincoln. Ofensas a Vinícius Jr. fazem parte de histórico de racismo no futebol, **Agência Brasil**, São Paulo, 24 mai. 2023. Disponível em: <https://abrir.link/rjMpQ>. Acesso em: 10 out. 2024.

DE KOSNIK, Abigail; FELDMAN, Keith. **#Identity**: Hashtagging Race, Gender, Sexuality, and Nation. University of Michigan Press, 2019.

ESPN BRASIL. Vinícius Jr. desabafa após condenação de torcedores na Espanha: 'Não sou vítima, sou alvo de racistas', **ESPN Brasil**, São Paulo, 10 jun. 2024a. Disponível em: <https://abrir.link/sSMsn>. Acesso em: 10 out. 2024.

ESPN BRASIL. Torcedores do Valencia são condenados a oito meses de prisão por insultos racistas a Vinícius Jr., **ESPN Brasil**, São Paulo, 10 jun. 2024b. Disponível em: <https://abrir.link/jFmYt>. Acesso em: 10 out. 2024.

ESTEVES, Emerson. **O jornalismo é uma arma de combate**: uma análise dos perfis de reportagem da Rede Globo na cobertura da tematização do racismo no esporte. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, 2024.

FERRAZ, Eucanaã. **Sobre as letras**. São Paulo: Companhia Das Letras, 2003.

FIORI, Ana Letícia de; PISANI, Mariane. Feminicida não merece torcida: imagens e repercussões sobre o caso Eliza Samúdio e a trajetória do ex-goleiro Bruno Fernandes. **Ponto Urbe**, v. 30, n. 2, p. 1-21, 2022.

GLOBO ESPORTE. Villarreal bane para sempre torcedor que atirou banana em Dani Alves, **globoesporte.com**, Villarreal, 28 abr. 2014a. Disponível em: <https://abrir.link/TZeBc>. Acesso em: 10 out. 2024.

GLOBO ESPORTE. Caso Aranha: Polícia divulga imagens para tentar identificar mais envolvidos, **globoesporte.com**, Porto Alegre, 30 set. 2014b. Disponível em: <https://abrir.link/FXryd>. Acesso em: 10 out. 2024.

GLOBO ESPORTE. Vinícius Júnior se pronuncia: "Aceitem, respeitem ou surtem. Eu não vou parar de bailar", **globoesporte.com**, Madri, 16 set. 2022. Disponível em: <https://abrir.link/GcikW>. Acesso em: 18 out. 2024.

GLOBO ESPORTE. Presidente de LaLiga retruca Vinícius Júnior, que reage: "Quero ação", **globoesporte.com**, Madri, 21 mai. 2023. Disponível em: <https://abrir.link/ZLCAS>. Acesso em: 18 out. 2024.

GLOBO ESPORTE. LaLiga atualiza situação de 21 casos de racismo contra Vini

Jr., **globoesporte.com**, Valencia, 10 jun. 2024a. Disponível em: <https://abrir.link/HUOIo>. Acesso em: 5 set. 2024.

GLOBO ESPORTE. Racismo contra Vini Jr.: torcedores do Valencia são condenados a oito meses de prisão, **globoesporte.com**, Valencia, 10 jun. 2024b. Disponível em: <https://abrir.link/Tlvda>. Acesso em: 10 out. 2024.

GOSWAMI, Manash. **Social media and hashtag activism**: Liberty, dignity and change in journalism. Kanishka Publication, 2018.

JACKSON, Sarah; BAILEY, Moya; WELLES, Brooke. **#HashtagActivism**: Networks of Race and Gender Justice. The MIT Press, 2020.

KFOURI, Juca. Entrevista concedida à Thalita Neves. São Paulo, 8 set. 2022.

LANCE!. Hashtag em apoio a Vinícius Júnior atinge marca impressionante na web, **Lance!**, 17 set. 2022. Disponível em: <https://abrir.link/PFUqr>. Acesso em: 5 set. 2024.

MARTINS, André. Governo brasileiro cobra Fifa e Espanha após ataques racistas a Vini Jr., **Exame**, 22 mai. 2023. Disponível em: <https://abrir.link/wYLVv>. Acesso em: 10 out. 2024.

MESSINA, Christopher. Groups for Twitter; or a proposal for Twitter tag channels. **Factory Joe**, 25 ago. 2007. Disponível em: <https://abrir.link/JoeeY>. Acesso em: 18 out. 2024.

MORAES, Fabiana. **A pauta é uma arma de combate**: subjetividade, prática reflexiva e posicionamento para superar um jornalismo que desumaniza. Porto Alegre: Arquipélago, 2022.

NEVES, Thalita. Casos Daniel Alves, Robinho e Cuca: o papel do jornalismo esportivo no combate à violência de gênero e ao crime de estupro. **Anais do Fazendo Gênero 13**. Florianópolis, 2024.

O GLOBO. Federação espanhola vai analisar caso de racismo contra Daniel Alves, **O Globo**, Rio de Janeiro, 28 abr. 2014. Disponível em: <https://abrir.link/dcooX>. Acesso em: 10 out. 2024.

OBSERVATÓRIO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO FUTEBOL. Levantamento aponta que 41% dos jogadores de futebol já sofreram racismo, **Observatório da Discriminação Racial no Futebol**, 6 set. 2023a. Disponível em: <https://abrir.link/UWatw>. Acesso em: 10 out. 2024.

OBSERVATÓRIO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO FUTEBOL. Casos de preconceito contra atletas cresceram 40% nos estádios brasileiros em 2022, **Observatório da Discriminação Racial no Futebol**, 23 mai. 2023b. Disponível em: <https://abrir.link/Snmns>. Acesso em: 10 out. 2024.

OLIVEIRA, Ana Larissa; CARNEIRO, Marisa. #Elesim, #Elenão, #Elasim, #Elanão: o Twitter e as hashtags de amor e de ódio na campanha presidencial brasileira de 2018. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 20, n. 1, p. 33-49, 2020.

OLIVEIRA, Evellin; RIBEIRO, Maria D'ajuda. #Blacklivesmatter and others hashtivisms: Language and its role on virtual protests. **Língua@ Nostr@**, v. 9, n. 1, p. 91-107, 2021.

ORLANDI, Eni. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. São Paulo: Brasiliense, 1984.

- ORLANDI, Eni. **Discurso e Leitura**. São Paulo: Cortez e Editora da UNICAMP, 1988.
- ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2001.
- ORLANDINI, Maiara. Ativismo de sofá ou participação política? Os processos de politização do ativismo por hashtag. **Revista Mediação**, Belo Horizonte, v. 22, n. 29, p. 134-151, 2019.
- PEW RESEARCH CENTER. Support for the Black Lives Matter Movement Has Dropped Considerably From Its Peak in 2020, **pewresearch.org**, 14 jun. 2023. Disponível em: <https://abrir.link/iHHOt>. Acesso em: 18 out. 2024.
- PIRES, Fernanda.; WEBER, Maria Helena. Somos todos mestiços: visibilidade e naturalização do racismo na campanha “Somos Todos Macacos”. **Revista Eco-Pós**, v. 21, n. 3, p. 58-74, 2018.
- PORTAL G1. Mestre de capoeira é morto a golpes de faca após discussão política na Bahia. **G1 BA**, Salvador, 8 out. 2018. Disponível em: <https://abrir.link/iqNTP>. Acesso em: 18 out. 2024.
- RAMALHO, Renan. Para ministra, frase de Neymar contra racismo pode reforçar estereótipo. **Portal G1**, Brasília, 28 abr. 2014. Disponível em: <https://abrir.link/kkLrc>. Acesso em: 18 out. 2014.
- SANTOS, Nina; ALMADA, Maria Paula; CARREIRO, Rodrigo; CERQUEIRA, Ellen. **O racismo não anda só**: as dimensões do racismo nas redes. Salvador: Aláfia Lab, 2023, 24 p.
- SOARES, Felipe; RECUERO, Raquel. Guerras de hashtags: desinformação política e lutas discursivas em conversas do Twitter durante a campanha presidencial brasileira de 2018. **Social Media + Society**, v. 1, p. 1-17, 2021.
- VAN DEN BERG, Jan Albert. The story of the hashtag(#): A practical theological tracing of the hashtag(#) symbol on Twitter. **HTS Theological Studies**, v. 70, n. 1, p. 1-6, 2014.
- VELOSO, Caetano. **Verdade tropical**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- VON BÜLOW, Marisa; Dias, Tayrine. O ativismo de hashtags contra e a favor do impeachment de Dilma Rousseff. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, v. 120, p. 5-32, 2019.
- VON BÜLOW, Marisa; VILAÇA, Luiz; ABELIN, Pedro Henrique. Varieties of Digital Activist Practices: Students and Mobilization in Chile. **Information, Communication & Society**, v. 22, n. 12, p. 1770-8, 2019.

* * *

Recebido em: 2 maio 2025.
Aprovado em: 04 nov. 2025.